

Sousa Machado, Teresa <sup>\*,a</sup>

## Artículo Original

Resumo	Abstract	Tabla de Contenido
<p>A importância da educação, particularmente a educação na infância, no período da instalação da República em Portugal, em 1910, assume um cariz particular que move muitos autores, como médicos, educadores, professores e políticos. Acreditou-se que tudo poderia fazer a escolarização – esquecendo os factores individuais e sociais que não se conseguiram controlar. Entre outros, Faria de Vasconcelos é um português que se destaca no seu país, na restante Europa e na América Latina. Na linha das reformas republicanas, defende uma educação para todos, e concretiza inúmeros projectos, entre os quais damos conta aqui das doze lições de pedagogia e pedologia, que no espírito da Educação Nova levam à criação da escola de Bièrges-les-Wavre (na Bélgica), que fica na história deste movimento. As lições do autor retratam grande conhecimento dos psicólogos da sua época, tornando-se elas próprias um testemunho das teses psicológicas e pedagógicas defendidas no início do século XX. Refere-se também o seu contributo para a educação de adultos, como inovador e representado a urgência na vontade de reformar a mentalidade portuguesa, pela educação.</p> <p>Palavras Chave: Faria Vasconcelos, Educação Nova, República, História da Pedagogia e Psicologia.</p>	<p><b>Faria de Vasconcelos: A pioneer in the New School movement in Europa and Latin America</b> The relevance of education, namely the education of children, during the period of the installation of Republic in Portugal, in 1910, takes on a particular role that moves many authors, such as doctors, educators, professors and politicians. It was believed that all (the social problems) could be arranged through school-education, forgetting the individual and social factors (out of control). Among others, Faria de Vasconcelos is a portuguese that stands out in Portugal, in the rest of Europe and in Latin America. In line with republican reforms, advocates education for all, and implements numerous projects, of which we report here the twelve lessons of pedagogy and pedology, in the spirit of <i>Escola Nova</i>, that lead to the foundation of the Bierges-les-Wavre school (Belgium) which makes history in psychology. His lessons portray great critical knowledge of psychological' thesis of the first decades of XXth century, become themselves a testimony of psychology and pedagogy. We also report his contribution to adult education, as innovative and representing the urgency to accomplish a reform of Portuguese mentality, throughout education.</p> <p>Key Words: Faria de Vasconcelos, New-School movement, Republic, History of Pedagogy and Psychology.</p>	<p>Introdução 115 A psicologia ao serviço da educação 116 Lições de pedagogia e pedagogia... 117 Faria de Vasconcelos 118 Referências 122</p>

Recibido el 5 de Enero de 2015; Recibida la revisión el 17 de Septiembre de 2015; Aceptado el 17 de septiembre de 2015  
Editaron este artículo: Ricardo Pautassi, María Soledad Sartori, Débora Jeanette Mola y Anabel Belaus

### 1. Introdução

O início do século XX em Portugal assiste a diversos movimentos renovadores no campo da política, da pedagogia, da psicologia e na assistência social. A revolução da *1ª República*, a 5 de Outubro de 1910, abre portas a concretizações idealizadas anteriormente, agora com o propósito explícito de regenerar a nação. O mote da República era ambicioso: reformar a mentalidade portuguesa pela instrução e educação, invertendo a “chaga social” do analfabetismo. Com efeito, as primeiras décadas do século XX em Portugal, como comenta [Alves \(2010\)](#),

trazem a público a reflexão sobre os propósitos que deve ter a escolarização, o papel dos professores e as metodologias adequadas a públicos diferenciados. A ideia não era nova entre nós, já que periodicamente se questionava a “situação” do ensino em Portugal; mas novo ímpeto parecia dar-se com a revolução. No século XVIII, após a expulsão dos jesuítas (que asseguravam o ensino gratuitamente) fora já necessário reorganizar o ensino, sendo que, por ordem de Marquês de Pombal, em 1772, várias reformas tiveram lugar, criando-se Escolas pelo país (e

<sup>a</sup> Faculdade de Psicologia Ciências da Educação. Universidade de Coimbra - Portugal  
Enviar correspondencia a: Sousa Machado, T. E-mail: [tmachado@fpce.uc.pt](mailto:tmachado@fpce.uc.pt)

Ultramar). No reinado de D. Maria I (1777-1792), o peso das instituições religiosas voltaria a dominar. Ao longo do século XIX, reencontramos novas tentativas de resolver o endémico problema da escolarização das crianças; assistindo-se, no período da *Regeneração* (1851-1910), a um renovado interesse pela infância enquanto estratégia de recuperação da nação (Mesquita, 2001; Tomé, 2010); o que não invalida, aliás, que o nível de analfabetismo continuasse a grassar, referindo o *Anuário Estatístico de Portugal* (iniciado em 1870), que em 1878, o total de analfabetos rondaria os 82.4% (cit. in Mota, 2001). Após a Revolução Liberal de 1820, novo caminho se ensaia em prol do ensino laico, público e gratuito (Nóvoa & Bandeira, 2005; OEI-Ministério da Educação, 2003). A situação compreender-se-á melhor tendo em consideração que Portugal (com cerca de cinco milhões e quatrocentos mil pessoas) (Serra, 1997), era ainda, no início do século passado, fundamentalmente, um país rural, onde poucos, nesse meio (i.e., o padre e eventual professor) sabiam ler, e destacando-se duas cidades (Lisboa e Porto) onde se concentrava a maioria da população urbana. Por 1910, a capital – Lisboa – representava mais de 10% da população urbana, a agricultura ocupava cerca de 65% da população (cultivando, muitos, dentro dos limites urbanos), a organização industrial era principalmente de pequena dimensão (excetuando a do tabaco), envolvia muita mão-de-obra, e o nível de formação especializada e/ou escolar dos operários era básica (Serra, 1997). Nas cidades, as condições de salubridade facilitavam a propagação de doenças, poucas casas estavam ligadas a redes de esgotos, e a água era, para a maioria, recolhida em chafarizes, poços ou cisternas, de qualidade duvidosa, responsável por doenças e epidemias (Garnel, 2007). Acresce ainda que as perturbações sociais da época não favoreceriam a estabilidade necessária a uma democratização do ensino (se é que assim se poderia dizer, na altura). Com efeito, no início do século, a corte fugira para o Brasil, haviam surgido as lutas entre absolutistas e liberais, e os atritos acabariam por culminar na referida revolução de 1910 (Cruz, 2001; Mota, 2001). Em síntese, e como recorda Serra: “Grandes contrastes marcavam a paisagem social portuguesa, onde nos antípodas de uma classe camponesa vivendo no limiar da subsistência, e do operariado urbano enfrentando condições de vida duras, se nos deparam uma aristocracia fundiária e um grupo de novos ricos com fortunas feitas no comércio e na especulação [...].”

Portugal entrou no século XX com atraso relativamente aos restantes países europeus e esse

atraso foi encarado com pessimismo pelas elites intelectuais. [...] Nos finais do século XIX, um clima de crise – cuja percepção é de crise global, da sociedade, do Estado e da mentalidade – fornece alento e legitimidade a um novo movimento regenerador que anunciava a República como solução para os males da Pátria” (Serra, 1997, pp.4-5).

### 1.1. *A psicologia ao serviço da educação, e a educação ao serviço do desenvolvimento*

António Sena Faria de Vasconcelos (1880-1939) é um homem desse tempo, sensível às questões educativas e consciente de que só a educação pode tornar os homens livres e “iguais”. Preocupação que o irá acompanhar além fronteiras, marcando, quer na Europa, quer na América Latina (onde permanece entre 1915-1920), a sua influência em prol da educação e das questões sociais relativas ao desenvolvimento humano. Como refere Patrício (2010a): “É na República que a biografia de Faria Vasconcelos se inscreve, sem alardes e com toda a naturalidade” (p. 10); e a preocupação, por excelência, da República era, como dissemos, a educação, estabelecendo o Decreto de 29 de Março de 1911 as bases da ideologia republicana para o ensino: “O homem vale, sobretudo, pela educação que possui, porque só ela é capaz de desenvolver harmónicamente as suas faculdades [...]. E só se pode fazer progredir e desenvolver uma sociedade, fazendo com que a ação contínua, incessante e persistente de educação, atinja o ser humano, sob o tríplice aspecto: físico, intelectual e moral” (Decreto-lei, Decreto n.º 9:223 da Direcção Geral da Instrução Pública, p.3)

A reforma republicana da educação leva a que se inclua o ensino das ciências pedagógicas, nas recém-criadas Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra (substituindo a anterior Faculdade de Teologia), e de Lisboa. A história da Pedagogia foi introduzida nas Escolas Normais (para formação de professores) sendo entregue a regência a Faria de Vasconcelos, em 1921.

Convirá dizer que o facto Faria de Vasconcelos ter partido para Bruxelas em 1902, não o arredará das preocupações relativas à importância da educação para todos no nosso país. Ciente dos obstáculos vividos em Portugal, nas visitas que faz à pátria, profere uma série de conferências sobre “pedagogia” e “psicologia experimental” e, quando regressa em 1921, envolve-se nas questões educativas, publicando, no primeiro número da *Seara Nova*, a crónica “As características de educação contemporânea”, citando autores como Binet, Stanley Hall, ou Dewey, entre outros. A pedagogia, para o

autor, tem bases científicas, cultiva a inteligência, a atenção, e a vontade pela vida; e mais ainda, constitui um processo de valorização social do indivíduo (Vasconcelos, 1921a). No mesmo número da revista tece ainda uma reflexão sobre o movimento de ideias e vida científica de Portugal. Encontramos preocupações que, mau grado nós, parecem cíclicas no país; refere-se ao efeito da Guerra sobre o avanço científico, que lhe foi sacrificado: “Congressos, institutos científicos, revistas, livros, obras de pensamento, de arte, de ação, todo o trabalho intelectual foi sacrificado (...)” (Vasconcelos, 1921b, p. 30). Triste fado o dos portugueses, que sacrificam sempre em primeiro lugar a concretização intelectual, como se envergonhassem (ainda) dos *feitos do espírito*, admitindo facilmente a concretização física, que satisfaz o povo, que se quer ignorante para facilmente ser aplacado.

Bacharel em Direito, em 1901, pela Universidade de Coimbra, Faria de Vasconcelos inscreve-se em 1902 na Universidade Nova de Bruxelas, onde se doutora, em Ciências Sociais em 1904, com uma tese intitulada “Esquisse d’une théorie de la sensibilité sociale”. Especializa-se em questões psicológicas e pedagógicas, sendo aceito imediatamente como professor nessa mesma universidade. Ainda na Bélgica, funda em 1912, em Bièrges-les-Wavre, uma escola modelo que fica na história do movimento da *Educação Nova* (Vasconcelos, 1915). Em 1914, o despoletar da 1ª Grande Guerra (e invasão da Bélgica) leva-o a refugiar-se na Suíça, onde colaborará com Claparède, Bovet e Ferrière, no *Instituto Jean Jacques Rousseau* – onde leccionará entre 1914/15. Ainda em 1915 parte, aconselhado por Ferrière, para a América Latina, para Cuba, onde ficará até 1917; daí rumo à Bolívia, inicialmente para La Paz, onde organiza a secção de psicologia e pedagogia da Escola Normal Superior, e também aí, em 1917, inaugura o curso de *Pedagogia* – apresentando desde logo uma proposta fundamentada de um programa de 4 anos de curso, numa conferência pública com a presença do Ministro de Instrução Pública (Vasconcelos, 1917). Ainda na Bolívia, parte para a cidade de Sucre, onde foi diretor da Escola Normal e diretor da *Revista Pedagógica*, na qual publica uma série de textos (Gomes, 1980). A criação de escolas orientadas pela ideologia da Escola Nova, as palestras sobre questões de pedagogia / psicologia, em prol da educação *para todos*, e o envolvimento em questões políticas locais – sempre em defesa da justiça social – leva a que, 19 anos após deixar a Bolívia, quando Faria de Vasconcelos morre, seja decretado luto nacional naquele país em sua homenagem (pois que também havia tomado partido

contra a perda de acesso ao mar pela Bolívia, devido à apropriação pelo Chile de toda essa zona) (Patrício, 2010b; Vasconcelos, 1920). Em 1920 regressa a Portugal, juntando-se em 1921, a uma série de outros pensadores que fundam o Grupo (e revista) *Seara Nova*. Associa-se à Universidade Popular, à Escola Normal Superior e à Faculdade de Letras de Lisboa. Em 1925 é novamente inovador ao criar o *Instituto de Orientação Profissional*. Entre 1922 a 1939 é professor na Universidade de Lisboa, leccionando cadeiras nos campos da filosofia, psicologia geral, história da filosofia, moral, teoria do conhecimento. A sua obra escrita espalha-se pelos domínios da pedagogia, psicologia, filosofia, história, moral, sociologia, teatro, entre outros (Gomes, 1980; Ferreira Marques, 2012). Deixa marcas por onde passou, de modo que Patrício (2010b) pode afirmar que a sua ação se estende a toda a América Latina, ao influenciar diversos pedagogos (como o cubano Aguayo e o movimento brasileiro expresso por nomes como J. Damasco Penna, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Theobaldo Miranda Santos, entre tantos outros).

O contributo de Faria de Vasconcelos é vastíssimo – atribuindo-lhe, Ferreira Marques (2012), cerca de duzentos títulos entre livros, artigos e comunicações. A sua postura é sempre, “a do cientista social, não a do político: a do cientista social empenhado na transformação da sociedade” (Patrício, 2010a, s/pg.). É esta postura de cientista social que o leva a comentar a necessidade de organização científica do trabalho; por exemplo, em 1921, num comentário sobre a construção do canal do Panamá, no qual confronta a postura das empresas latinas vs. as americanas. As primeiras não antevêm necessidade de prevenção básica da saúde dos trabalhadores (a importância da higiene e correlativa construção de sanitários), tornando-se o canal fonte de malária e febre amarela, revelando-se, nas palavras do autor, “(..) o túmulo dos brancos” (Vasconcelos, 1921c, p. 68). Pelo contrário, as empresas dos americanos, *previnem*, e criam escolas com transporte gratuito para as crianças filhas dos trabalhadores (brancas ou negras). Sensível às questões pedagógico-sociais, e conhecedor dos movimentos da psicologia do trabalho, Vasconcelos comenta: “Criadas em torno do trabalhador as condições mais favoráveis de higiene, alimentação, habitação, descanso e vida social, os americanos não ficaram por aí. Foi na América que nasceu com W. Taylor a organização científica do trabalho” (Vasconcelos, 1921c, p. 68).

## 1.2. Lições de pedagogia e pedagogia

*experimental: a tese de Vasconcelos*

Centrar-nos-emos, agora mais especificamente, no impulso inovador que o autor – nas suas *doze lições* – dá ao ensino, impulso indissociável da concepção da *educação* e de desenvolvimento ao longo do ciclo de vida (muito antes de a psicologia científica usar essa expressão). Incidiremos aqui, particularmente, nas considerações sobre o ensino das crianças; marginalmente faremos referências a outras das suas ações, pois que se entrecruzam com o propósito global da defesa de uma educação que promova o desenvolvimento na sua plenitude – ou, como era *mote dos republicanos* – que a educação “(...) atinja o ser humano sob o tríplice aspecto: físico, intelectual e moral” (*Decreto-lei de 29 de Março de 1911, p.3*).

Fez 100 anos que foi publicado o livro *Une école nouvelle en Belgique* (1915) – usemos esta data como pretexto para não deixar cair no esquecimento este grande autor português. Acresce que a leitura dos seus textos – *Lições de pedologia e pedagogia experimental* (reunidas em publicação em 1909) (Vasconcelo, 1909) – são, em si mesmo, uma viagem pela história da psicologia, pois que nelas vamos revisitando influências dos *grandes nomes* que nos finais do século XIX, início do XX, constroem a psicologia científica; e, particularmente, defendem o estudo científico do desenvolvimento – a psicologia da criança – em prol de uma intervenção preventiva de cariz social e individual.

### 1.3. *Faria de Vasconcelos – a transformação social por meio da educação*

No espírito do movimento pedagógico iniciado em finais do século XIX, e afirmando-se no romper do século XX, a *individualidade* do educando torna-se o mote, querendo-se respeitar as características de cada um, de modo que também cada um possa descobrir interesses próprios, desenvolva espírito crítico e caminhe no sentido da autonomia. O ideal subjacente aos intelectuais do movimento da Escola Nova pugna pelo propósito de combater as desigualdades sociais e alcançar a igualdade entre os homens, o que só pode ser atingido pela *educação* para todos. Se nem sempre tal foi cumprido, vários são os autores portugueses do início do século XX que o ensaiam ativamente, defendendo a urgência em criar estudos de psicologia científica que possam caracterizar as etapas de desenvolvimento físico e psíquico da criança – pois só o estudo do desenvolvimento pode orientar os passos da educação. Vários se destacam nesse contexto; uns serão médicos, como António Aurélio da Costa Ferreira, inaugurando medidas

sociais e pedagógicas particularmente destinadas às crianças carenciadas, anormais e, com o regresso dos soldados portugueses da Grande Guerra, intervindo no sentido da recuperação profissional dos mutilados, outros são universitários, como Sílvio Lima ou Alves dos Santos (para citar autores que passam, todos eles, pela Universidade de Coimbra) (Machado, 2012), ou são educadores vários que, no início do século XX partiram de Portugal para outros países da Europa procurando inteirar-se das novas teorias pedagógicas, nomeadamente as aplicadas ao ensino primário (Figueira, 2004).

A primeira iniciativa que marcará para a história o percurso de Faria de Vasconcelos é a concretização dos princípios da *Educação Nova* na escola de Bièrges-les-Wavre, cumprindo praticamente todos (vinte e oito e meio) os célebres *30 critérios* exigidos para que assim fosse considerada. Mas, anteriormente, o autor havia já proferido uma série de palestras sobre pedologia e pedagogia, salientando a necessidade de adaptar o ensino à condição natural da criança; o autor repudiava particularmente o que considerava o vício de pensamento de tratar “(...) a criança como um homem em miniatura, em redução. (...) ora a criança constitui, tanto física como psiquicamente um tipo especial que difere não só quantitativamente, como qualitativamente do adulto” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 188). Nas suas doze lições (publicadas em 1909), Vasconcelos aborda o estudo científico do desenvolvimento da criança, mostrando estar a par do que se fazia na psicologia e nas ciências pedagógicas pela Europa e EUA naquele tempo. Estas lições comportam já muitas das ideias que levam ao planeamento das atividades propostas na escola de Bièrges-les-Wavre, em 1912.

Na primeira lição, estabelece três factores que considera fundamentais para a caracterização da pedagogia nova – são eles, “o estudo *científico da criança*, a *associação entre médico e educador*, e a *colaboração entre família e Escola*” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 192, sublinhados nossos). A colaboração médico-pedagógica, se no início se justificou, nas palavras do autor, essencialmente por medidas de profilaxia das doenças contagiosas, (necessárias, face às condições de vida da maioria das crianças), depressa se organiza em termos de medicina preventiva e assistencial (Vasconcelos, 1909/1986), com diversas expressões em Portugal, nomeadamente no que se refere à “*infância desvalida*” (Machado, *in press*). Quanto à colaboração da família, Vasconcelos cita uma série de exemplos já encetados em diversos países europeus e EUA, que promovem movimentos de “*educação pedagógica*

das famílias” e que dão azo à criação de “clubes”, “associações”, e “revistas” (Vasconcelos, 1909/1986). Para que essa nova pedagogia se concretizasse era ainda necessário, obviamente, investir na formação dos professores – sendo que esta teria de se basear nos dados da *pedologia*:

A *pedologia* procura conhecer o corpo da criança (...), normal ou anormal, as qualidades e defeitos físicos, intelectuais e morais, tendo em vista a determinação das leis do seu desenvolvimento físico e mental, tanto sob o ponto de vista geral aplicável a todas as crianças, como sob o ponto de vista das diferenças e variedades individuais. A *pedologia* é uma ciência nova (Vasconcelos, 1909/1986, p. 198).

Sendo a *pedologia* uma ciência nova, na 2ª lição, o autor explicita as questões que esta trata, como o faz, e sua importância para a compreensão do desenvolvimento, alertando para o facto de, sendo o seu estudo tão recente, não ser ainda suficiente para permitir aplicações pedagógicas precisas. Mas, como “primeira missão”, impõe-se o papel do higienista, que vigiará, favorecendo, o desenvolvimento normal da criança – “higiene física e mental, alimentação, profilaxia e higiene escolar, condições materiais da escola quanto a luz, ventilação, mobiliário, doenças contagiosas, (...)” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 207). Concilia ainda os propósitos da *pedologia geral*, estabelecendo leis gerais do desenvolvimento, e da *pedologia individual* descrevendo as variedades; e remete para Binet, Henri, Toulouse, Kraepelin, Munsterberg e Stern os exemplos de investigações a considerar no campo da psicologia individual. O conhecimento das funções mentais, defende o autor, possibilita o estudo da correlação entre elas (e.g., entre inteligência e sensibilidade), e remete para estudos de psicólogos como Binet, Galton, Pearson, Thorndike, entre outros, como empenhados nesses mesmos estudos (Vasconcelos, 1909/1986, p. 209). Encontramos ainda, nesta lição, presenças da crença do valor das observações cefalométricas de autores vários, como Binet – que sabemos depressa a ter abandonando, criando um outro processo para avaliar a inteligência, através da operacionalização do conceito de *idade mental*. Interessante – em termos históricos – ainda nesta lição, é a referência aos métodos para estudar os fenómenos mentais, sendo, os mais óbvios a introspecção e extrospecção (Vasconcelos, 1909/1986), embora depressa o autor descarte a primeira, ou auto-observação, no estudo da criança pois que esta é muito “sugestionável tendo tendência a responder no sentido da pergunta que se lhe faz” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 214). Ora, outros portugueses, como Alves dos Santos, faziam, na

época, na Universidade de Coimbra, igualmente sob influência dos trabalhos de Binet, estudos experimentais sobre sugestionabilidade nas crianças, avaliando a influência de variáveis intelectuais e personológicas. Tal como para os seus contemporâneos, também para Faria de Vasconcelos o caminho óbvio para se inteirar dos trabalhos recentes de psicologia experimental passava por Genebra, particularmente pelo Instituto Jean Jacques Rousseau, e por Paris, no Laboratório Clínico de Neurologia, na Salpêtrière, e nos laboratórios de Fisiologia e de Psicologia da Escola de Altos Estudos, na Sorbonne (Machado, 2014).

Ainda nesta 2ª lição, encontramos referência ao que se faz nos laboratórios de psicologia experimental da Alemanha e EUA, com relevo para a importância da escolha dos métodos de investigação que não “falseiem” os resultados. A crítica de Binet ao recurso a “grandes inqueritos” passados, sem possibilidade de controlo aos pais, ou às crianças (que não se veem), é mencionada, não tendo, cem anos depois, perdido actualidade. Uma breve caracterização dos métodos usados no estudo da psicologia da criança: *método normal* (confronto com o estado normal do adulto), *patológico*, *genético*, e *comparativo*, leva-nos, pelos seus exemplos, a reencontrar grandes nomes da história da psicologia, mesmo se parte das suas concepções foram ultrapassadas.

Na 3ª lição é justificada a necessidade de estudar o desenvolvimento físico, admitindo a influência conjunta da hereditariedade e do “próprio organismo”. Para um autor português ciente do que se passa no seu país, nomeadamente no que se refere às condições de vida de muitas das crianças, vítimas indiretas de uma industrialização que as leva para centros urbanos onde não poucas encontrarão a mendicância como sustento, as “medidas do corpo” são uma forma rápida de aferir fragilidades no desenvolvimento, como referia o seu contemporâneo Costa Ferreira:

Quereis saber se uma criança se desenvolve normalmente, se segue a trajetória ordinária do seu desenvolvimento? (...) A balança, tomando a medida antropológica do peso, tem salvo milhares de vidas. Tem sido a antropologia que tem fornecido à puericultura a poderosa alavanca com se tem conseguido vencer o pesadíssimo e oneroso fardo da mortalidade infantil (Ferreira, 1917, p. 9)

Na mesma linha de ideias, Faria de Vasconcelos, justifica:

A antropometria tem uma utilidade incontestável. O estudo metódico das medidas

do corpo, não só nas suas relações com o desenvolvimento mental, mas também sob o ponto de vista do desenvolvimento físico e das modificações que sofre por efeito da raça, do estado de saúde, das condições sociais, tem um alto interesse prático tanto sob o ponto de vista educativo como social (Vasconcelos, 1909/1986, p. 231).

E, ao longo desta lição vemos uma série de quadros onde nos apresenta vários dados antropométricos; a conclusão é de que “a abundância ou a deficiência de nutrição aceleram ou retardam as variações no crescimento. (...) em todos os países onde se fizeram investigações antropométricas, verificou-se que a estatura é, em média, mais fraca nas crianças das classes pobres” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 233). Nos nossos dias, são os prejuízos do excesso de peso que se estudam nas crianças, e são ainda as crianças de meios sociais mais carenciados, em Portugal, que na infância apresentam já os malefícios psicológicos e físicos inerentes a tal condição (Bancalero, 2014; Oliveira, 2014) – não será esta, também ela, uma *questão educativa*?

Na 4ª lição, seguindo a posição de Stern quando este refuta os que alinham numa oposição clivada entre o *empirismo* e *nativismo* na explicação da psicogénese, Vasconcelos analisa *factores de desenvolvimento* – como o jogo, a imitação, o interesse – e suas teorias relativas ao papel que assumem no desenvolvimento da criança. No caso do jogo, o autor faz uma exposição bastante detalhada, e interessante, sobre as diferentes formas como intervém na ativação intelectual e / ou sensorial. Quanto à questão dos interesses, o autor considera que são poucos ainda os dados disponíveis de investigações científicas sobre a atividade mental da criança. Mas, antevê-se, nas suas palavras, que antecipa o grande papel *motivador* (de *agência*, se quisermos) que os interesses assumem no desenvolvimento, e na vida dos sujeitos – papel que anos mais tarde encontramos bem expresso, por exemplo, nos modelos sócio-cognitivos do desenvolvimento de carreira, em autores como Lent e cols., ou Holland (Nunes, Okino, Noce, & Jardim-Maran, 2008).

Na 5ª lição e 6ª lição vemos estudados conceitos fulcrais nos estudos experimentais de psicologia: os órgãos dos sentidos e a memória. Também aqui encontramos dados comparativos de medições (e.g., acuidade visual – particularmente importante para a escolarização, numa época em que, recorde-se, a maioria das crianças não teria nunca ido a um médico).

Na 7ª lição vemos retomado um tema caro aos primeiros momentos de cientificação da psicologia, a questão do *associacionismo* – sendo propósito do autor apontar os limites dessa teoria que refuta por ser demasiado vaga e simples: “A psicologia atual pôs de parte o associacionismo (...). O espírito não associa somente, o espírito discrimina. A atenção é o caso mais elementar da discriminação” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 424). Mas, apresenta também o autor uma série extensa de dados de investigações experimentais sobre o tipo de associações na infância, baseando-se nos trabalhos de Binet e Simon, Cattell, Kulp, Ziehen, entre tantos outros. Os trabalhos destes autores servirão de modelo para exercícios a propor nas escolas, respeitando os níveis de desenvolvimento (e idade) de cada grupo, de forma a não perturbar esse mesmo desenvolvimento; exercícios que estarão subjacentes às actividades da escola de Bièrges-les-Wavre. “A educação intelectual e moral da escola primária deve basear-se inteiramente na sensação, na percepção e na associação espontânea de ideias compreendidas pela criança” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 450). Como havia referido nesta lição – a *atenção* tem um papel importante para o sujeito, sendo que a 8ª lição, lhe é toda ela dedicada: “Sem a atenção a nossa vida mental seria um sonho vago, difuso, contínuo” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 460). As posições de William James, Helmholtz, experiências de Wundt, Lange, Munsterberg, Cattell, Dodge, são utilizadas para explicitar este conceito e sugerir como se pode “preparar” (ativar) a atenção, dando pistas para a orientação pedagógica. As relações entre atenção e inteligência são referidas pelas teses de grandes nomes da época: Esquirol e Moureau de Tours, afirmam que a “lesão essencial na loucura consistia na perturbação da atenção: incapaz de se fixar na mania, enfraquecida na demência, concentrada nas ideias fixas” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 474); e, se esta afirmação seria hoje considerada superficial, ela dá-nos uma imagem rápida das perturbações que lhe associamos. A 9ª lição é sobre a inteligência, tópico incontornável para as questões de pedagogia. Vasconcelos elege, entre outros autores, Binet, pois os estudos deste permitem operacionalizar conceitos que, para além da inteligência, são fulcrais para o desempenho escolar. E, Vasconcelos retoma o tema da atenção, da regularidade de hábitos, a continuidade no esforço, a maturidade, como essenciais para que o pedagogo os treine no sentido de “ensinar a criança a aprender”. Explicita, ainda nesta lição, com grande minuciosidade, as diversas provas que Binet utiliza para avaliar a inteligência da

criança. Na 10ª lição encontramos o tema da afectividade, apresentando o autor uma revisão comentada das teorias vigentes sobre as emoções. Leitura interessante é a refutação que faz às teses de Lombroso de que a “(...) constituição fisiopsicológica da criança é análoga à do criminoso nato, (...), do selvagem, (...), um prolongamento atávico da humanidade primitiva” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 575). Os trabalhos de Stanley Hall sobre a adolescência são ainda comentados nesta lição. A 11ª lição, designada “A atividade”, engloba o estudo de fenómenos como os hábitos, a vontade, o carácter, e educação do carácter, e suas aplicações pedagógicas. A última lição (12ª), trata o problema da fadiga, essencial, como refere o autor, para a programação pedagógica. Começa por comentar os dados apresentados por Thorndike – com experiências em meio escolar – para os refutar liminarmente. Uma série extensa de dados de diversos investigadores entre os quais encontramos Binet, Ebbinghaus, Schuyten, Zimmerman, serve de base para recomendações, como, por exemplo, a da *Comissão sanitária de Paris* que propõe para a organização das classes: “(...) para as classes inferiores, lições de meia hora com recreio ao ar livre”; e a *Comissão sanitária de Estrasburgo*, “(...) meia hora e 10 minutos de recreio (...)” (Vasconcelos, 1909/1986, p. 683). Com efeito estas lições constituem, como dissemos, um verdadeiro passeio pela história do início da psicologia científica – e são base científica para o planeamento da escola de Bièrges-les-Wavre – marco incontornável da história da Educação Nova e da psicologia da criança em geral.

Como vimos dizendo, a questão da educação foi sempre ponto central para Faria de Vasconcelos, pois que não é por decretos que se regenera o país: “(...) a reforma dos costumes, cremos nós que só se pôde empreender e realizar pela educação” (Vasconcelos, 1921d, p. 91); uma educação que se deve estender a todos os públicos. Vasconcelos, não é um homem apenas de palavras, mas também um homem de ação e, assim, mal regressa a Portugal, vemo-lo envolvido na *Universidade Popular*, sendo agora o público alvo os adultos e defendendo que o objetivo destas Universidades deverá ser o de “(...) difusão de conhecimentos e de cultura espiritual entre o povo” (Vasconcelos, 1921e, p. 245).

As Universidades Populares haviam surgido no final do século XIX em diversos países da Europa, propondo-se cultivar o povo; em Portugal, surgiram em 1904 – antes da implantação da República – sendo que a primeira deriva da *Academia de Estudos Livres* (associação criada em 1889) (Bernardo, 2013). Estas

iniciativas terão porém uma curta vida, já que o golpe militar de 1926 dará origem a um regime que impugnará as tentativas reformistas na educação, perdendo-se o ímpeto lançado pelos defensores da *Educação Nova* (Nóvoa, 2000). Mas, antes, Faria de Vasconcelos, será ativo na defesa dos princípios da divulgação da educação para todos, e do ideal republicano da educação. Esta deve tratar do homem completo, ou, nas suas palavras, “(...) do homem individual e do homem social, de cuja síntese resulta o homem humano” (Vasconcelos 1921e, p. 246). E, com esse propósito, Faria de Vasconcelos sistematiza as atividades destinadas à formação do adulto – i.e., o homem médio português – nos seus aspectos físicos, intelectuais, morais, sociais, familiares, profissionais, cívicos. Ao contrário do que muitos hoje teimam em fazer, criando cursos para adultos com conteúdos científicos que estes não podem (ou não terão *interesse*) entender, Vasconcelos (1921e) fala em cursos básicos, introduzidos com métodos ativos (cinema, excursões, discussões de trabalho), destinados, por exemplo, a cursos profissionais (específicos), estudos económicos e sociais, e estudos morais/sociais e estudos artísticos. No caso do “homem familiar” (como ele designa), reencontramos nesta proposta do autor (1921e), o que havíamos visto nas suas iniciais lições/conferências, publicadas em 1909; como, por exemplo, a proposta de criação de cursos pedagógicos para as famílias, e de economia doméstica (1ª lição) – recuperando a ideia dos “clubes de Pais e Mães”. A concepção do “homem profissional” é já inovadora ao referir o valor cívico que deve ter a profissão, e menciona a necessidade de criação de um *Instituto de orientação profissional* (Vasconcelos, 1921a; 1926).

A obra de Vasconcelos é extensíssima, e são vastos os seus interesses, que foram ensaiados em diferentes cantos do mundo, veiculados em português, francês e espanhol. A sua obra sugere sempre a proposta, muito fundamentada, da *educação do homem*, para que este possa ser livre (com livre arbítrio), no sentido da consciência cívica e moral que garantiria a promoção, ou superação, de *cada um*, no seu lugar (histórico/social). Retenha-se que por *civismo*, Vasconcelos entende simultaneamente uma *ação* e *prática* que se traduz na promoção ativa de um ambiente no qual “todos cooperem na obra comum” e na criação de grupos cívicos, sem qualquer orientação partidária ou sectária (Vasconcelos, 1921e). Neste texto quisemos mostrar a sua defesa no papel da educação como promoção do desenvolvimento. Deixamos para próximos trabalhos as palestras e feitos na América

Latina (entre 1915 e 1920), e os trabalhos desenvolvidos no Instituto de Orientação Profissional.

## Referências

- Alves, L. A. M. (2010). República e educação: dos princípios da Escola Nova ao manifesto dos pioneiros da educação. *Revista da Faculdade de Letras-História*, 11, 165-180.
- Bancalheiro, C. (25 de Febrero de 2014). OMS avisa que Portugal é dos países europeus com mais excesso de peso infantil. *Público*. Recuperado de <https://www.publico.pt/sociedade/noticia/excesso-de-peso-infantil-pode-vir-a-tornarse-uma-nova-norma-na-europa-1626164>
- Bernardo, L. M. (2013). *Cultura científica em Portugal. Uma perspectiva histórica*. Porto: Universidade do Porto.
- Cruz, M. G. M. B. (2001). António Sena Faria de Vasconcelos (1880-1939): um português no movimento da "Escola Nova". *Educação em Revista*, 2(1), 139-148.
- Decreto n.º 9:223 da Direcção Geral da Instrução Pública (29 de Março de 1911), Recuperado de [3.137.22.223/pt/patrimonio-educativo/museu-virtual/exposicoes/escolaridade-obrigatoria/resenha-de-legislacao/](https://www.dgdi.gov.pt/patrimonio-educativo/museu-virtual/exposicoes/escolaridade-obrigatoria/resenha-de-legislacao/)
- Ferreira, A. A. C. (1917). *O que é a antropologia* (Lição de abertura de um curso popular). Lisboa: Tipografia Universal.
- Ferreira Marques, J. F. (2012). *Faria de Vasconcelos e as suas obras de psicologia e de ciências da educação*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa.
- Figueira, M. H. (2004). A Educação Nova em Portugal (1882-1935): semelhanças, particularidades e relações com o movimento homónimo internacional. *História da Educação*, 8(15), 29-52.
- Garnel, M. R. L. (2007). *Vítimas e Violências na Lisboa da I República*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Gomes, J. F. (1980). A. Faria de Vasconcelos (1880-1939). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 14, 231-255.
- Machado, T. S. (Outubro, 2012). *Contributos para uma introdução à história da afirmação da Psicologia em Portugal*. Comunicação proferida in X Encontro CLIO-PSYCHÉ-Instituições, Psicologia, História, Rio de Janeiro.
- Machado, T. S. (2014). Contributos para a história da afirmação da psicologia em Portugal: O papel de Alves dos Santos e de Sílvio Lima. In A. M. Jacó-Vilela & F. T. Portugal (Org.). *Clio-Psyché Instituições, História, Psicologia*. Rio de Janeiro: Outras Letras.
- Machado, T. S. (in press). *The medical and pedagogical approach in the history of psychology in Portugal: The legacy of António Aurélio da Costa Ferreira*.
- Mesquita, M. H. F. P. (2001). *Educação especial em Portugal no último quarto do século XX*. (Dissertação de Doutorado). Universidade de Salamanca, Espanha.
- Mota, C. A. M. G. (2001). António Sérgio (1883-1969). *Educação em Revista*, 2(1), 150-162.
- Nóvoa, A. (2000). António Sérgio (1883-1969). *Perspectives: revue trimestrielle d'éducation comparée*, 34(3-4), 521-538. Paris UNESCO: Bureau international d'éducation.
- Nóvoa, A. & Bandeira, F. (2005). *Evidentemente: Histórias da educação*. Porto: ASA.
- Nunes, M. F. O., Okino, E. T. K., Noce, M. A., & Jardim-Maran, C. (2008). Interesses profissionais: perspectivas teóricas e instrumentos de avaliação. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 403-414.
- Oliveira, J. A. (2014). *Equidade e desigualdades socioeconómicas no excesso de peso e obesidade infantil em Portugal*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade Economia – Universidade de Coimbra, Portugal.
- OEI-Ministério da Educação (2003). Breve evolução histórica do sistema educativo. In *Sistema Educativo Nacional de Portugal*. Ministério da Educação y Organización de Estados Iberoamericanos.
- Patrício, M. F. (2010a). A Seara Nova no itinerário pedagógico de Faria de Vasconcelos. *Seara Nova*, 1712 (Verão). Recuperado de <http://www.searanova.publ.pt/pt/1712/memoria/190/>
- Patrício, M. F. (2010b). A Seara Nova no itinerário pedagógico de Faria de Vasconcelos (conclusão) *Seara Nova*, 1713 (Outono). Recuperado de <http://www.searanova.publ.pt/pt/1713/memoria/179/>
- Serra, J. B. (1997). Portugal, 1910-1940: da República ao Estado Novo. In P. Henriques (Coord.). *Portugal Moderno, 1910-1940* (pp.1-39.). Catálogo Exposição Portugal-Frankfurt.
- Tomé, M. R. (2010). A cidadania infantil na Primeira República e a tutoria da infância. A criação da Tutoria de Coimbra e do refúgio anexo. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 10(2), 481-500.
- Vasconcellos, F. (1909). *Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand – José Bastos & Cª - Editores.
- Vasconcelos, F. (1909/1986). Lições de pedologia e pedagogia experimental. In *Obras Completas de Faria de Vasconcelos*, Vol. I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, F. (1915). *Une école Nouvelle en Belgique*. Préface de M. Adolphe Ferrière. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- Vasconcelos, F. (1917). Solemne instalación del curso de pedagogia. In *Obras Completas de Faria de Vasconcelos*, Vol. II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, F. (1920). Para la sociedade de las naciones defendendo una causa de Bolívia. In *Obras Completas de Faria de Vasconcelos*, Vol. II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, F. (1921a). As características da educação contemporânea. *Seara Nova*, Outubro, 17-18.
- Vasconcelos, F. (1921b). Idéas, factos e documentos. *Seara Nova*, Outubro, 30-31.
- Vasconcelos, F. (1921c). A lição do canal. *Seara Nova*, Novembro, 65-71.
- Vasconcelos, F. (1921d). Bases para a solução dos



problemas de educação nacional. *Seara Nova*, Novembro, 91-95.

Vasconcelos, F. (1921e). O que deve ser a Universidade Popular Portuguesa. *Educação Popular*. Reimpressão in *Investigar em Educação* – IIª Série, N°1, 2014.

Vasconcelos, F. (1926). O Instituto de Orientação Profissional “Maria Luísa Barbosa de Carvalho”. In *Obras Completas de Faria de Vasconcelos*, Vol. IV, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.